



MOA SIPRIANO



○ CARTEIRO ○



MOASIPRIANO.COM

O CARTEIRO

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

Apresento a história de um amor por correspondência jamais correspondido.

Sou carteiro. Aliás, sou o único profissional do ramo em Lovland. Orgulhoso do meu ofício, eu posso lhe afirmar que idolatro meu trabalho. Oito, dez e na época de festas chegando há quase doze horas por dia, pouco importa, você me vê perambulando sem descanso e sem horários fixos pelas soberanas ruas de areia, entregando variada correspondência para os mais diversos tipos de loveanos que compõem nossa discreta comunidade litorânea.

Mesmo na era da Internet, é absurda a quantidade de gente na ilha – incluindo a molecada – que prefere se corresponder como nos velhos tempos: rabiscando em canetas coloridas um sem número de sentimentos, verdades e mentiras, sonhos e muitas fantasias sobre folhas de papel almaço; trocando palavras de carinho, conforto, concordâncias e discórdias, revelações e intimidades que serão despejadas nos quatro cantos do mundo em inglês, alemão, italiano, português ou numa mistura louca de dialetos e garranchos cifrados.

Um ato bonito e nostálgico.

Além de ser parte da garantia do meu ganha-pão.

* * *

Para minha diversão, a mulherada ferosa costuma se navalhar em desespero ao me ver passar diante dos seus terreiros.

Levanto as mãos para os céus por conseguir manter um corpo enxuto, pois a quantidade de guloseimas calóricas e chás e cafezinhos que sou obrigado a jogar dentro do meu estômago todos os dias é um absurdo!

Elas têm prazer em alimentar um touro indomável.

Algo marcante da minha personalidade é ser gentil, atencioso e por demais carinhoso com todos que precisam cruzar os mesmos caminhos por onde devo passar.

Caminhos cruzados por opção. Por escolha sem pressões. Por algo que carrego em mim-eu-mesmo há muito, muito tempo.

De volta ao assédio, preciso lhe confessar: sou toscamente classificado como um homem-HOMEM. Tenho acima de um e oitenta, setenta e nove quilos distribuídos milimetricamente em um conglomerado de peludérrimos

e musculosos braços, coxas, mãos, glúteos, etc. que são capazes de tirar qualquer fêmea do seu estado normal.

Ser admirado pela ala feminina é realmente uma diversão para mim. Mas enquanto todas desejam meu corpo, fico no aguardo de alguém que saiba perscrutar minha alma, acalentar meu espírito, dominar meu divino fogo nada sagrado, e que seja capaz de me encantar com as linhas e curvas suaves do verdadeiro Amor.

Continuando minhas referências físicas, as moçoilas se dilatam diante de um par de olhos num tom impossível a mesclar o âmbar com o jade, emoldurados por sobrancelhas espessas, negras; tudo isso amparado numa pele morena de tom e textura mais do que impecáveis (já disse: eu sei me cuidar), onde cabelos negros cortados bem rentes – mantenho o estilo militar, como meu pai usou a vida inteira – me conferem um “Q” a mais no meio de tanta loirada.

Na região das têmporas há um leve tom prateado a complementar meu charme “georgecluniano” que faz muitas vulvas chicotarem em descompasso.

Para terminar o sufoco em lhe dar apenas um vislumbre do que sou em estado físico, ainda há aquele volume-pacote-fardo intrigante que carrego no meio das torneadas pernas encobertas pelo tecido cáqui do uniforme justo, sempre impecável; algo que estimula a libido e a imaginação de qualquer ser vivente que saiba apreciar a beleza e a virilidade masculina em seu estado de arte.

E como miséria pouca é bobagem (rio em cântaros, pois sei que você está suando frio nesse instante), sou dono da Voz. Aquele tom e timbre e imposição que te põe de quatro em seis segundos, logo após um “Bom dia, Sr. Fulano. Aqui está sua encomenda, carta etc.”

Eu mereço afirmar modestamente que além de bem cuidado, educado, inteligente, prestativo, cordial, simpático, honesto, trabalhador e muito responsável... ufa... continuo Solteiraço da Silva!

E moro sozinho... em casa própria!

Sim, agora você pode começar a gritar. Eu aguardo você se acalmar.

Ah, tem mais um detalhe. Esse é crucial:

Sou gay. Sou Ativo.

Infelizmente, não sou Versátil pelo simples fato de não sentir um pingão de prazer em dar o rabo. Mas A-M-O receber um cunete bem feito e compartilhar um meia-nove bem, bem, bem demorado.

Sou um gay assumido, respeitado e ponto final.

* * *

O.K. Vou esperar você parar de bater cabelo e espernear feito uma gazela no cio. Aqui e ali rondam aquelas doidas que sonham em me “consertar”, achando um desperdício este pedaço solitário de bom caminho não apreciar a coisa “normal”. Rótulos de mãos dadas com a Ignorância.

Mas, chega de enrolação. Vamos ao que interessa.

* * *

Fim de maio.

Numa quinta medonha, exausto, assim que cheguei ao meu refúgio bem no começo da noite, me deparei com um maltratado envelope de papel pardo posicionado bem aos pés da porta da cozinha.

Na frente do pesado volume havia meu nome completo impresso em jato de tinta, numa clássica Times Roman. Atrás... nada, nada de remetente.

Ao abrir o pacote suspeito, dei de cara com um calhamaço de folhas de sulfite impressas com quaquilhões de poesias “amormelequentas” de péssima qualidade técnica e – evidente – de gosto bem duvidoso.

A partir daquele dia, foram semanas e semanas recebendo as tais poesias – sempre às quintas-feiras – certamente escritas por um admirador que se julgava secreto... e nada discreto.

Quando dispunha de tempo, por mais que eu mantivesse tocaias, nunca consegui pegar o sujeito de jeito. Eu sabia que aquilo era obra e graça de um iniciante na Vida.

As cartas cessaram suas visitas após dois doloridos meses.

Numa tarde de sábado, muito tempo depois da passagem do mistério boboca, enquanto eu bebericava minha sagrada cerveja no Bar do Nolah, eis que surge revelado em osso e alma o tal Poanta.

Sim, PO-AN-TA! Não há erro de grafia.

Poanta se apresentou daquele jeito mambembe. Nem precisava tanto floreio, pois era figurinha fácil, conhecida aqui, ali e em todo lugar.

Só eu mesmo para não sacar quem era o autor óbvio de tanta mediocridade.

Ele foi logo de cara exigindo explicações da minha beata pessoa, com perguntas apavorantes e intimações sensacionalistas, desnecessárias, fazendo com que eu fosse tomado de uma vontade tremenda de me teletransportar para bem longe do bar enquanto o remendo de artista declamava seu discurso batido, esfolado, sem um pingão de graça.

Após questionar durante meia hora sobre o que eu havia achado da “surpresa” e das “poesias de amor” que ele havia postado por semanas e semanas a fio, Poanta acreditava que com aquela iniciativa besta ele havia adquirido todas as chances do universo para conquistar o seu Bofie Supremo do outro lado da mesa.

Paciente, embora sufocado, aguardei um brecha para finalmente expor o que eu sentia e o que eu buscava num relacionamento.

Só para constar, estou sozinho há sete anos, após ter vivido por sete anos maravilhosos com meu último companheiro.

Marcel, que fora funcionário dedicado de um supermercado na cidade do outro lado da ponte, desencarnara por causa de um acidente de moto ao fazer a última entrega rápida daquele dia aqui mesmo na ilha, indo até a casa de uma moradora muito querida, a Sra. Sattler, na praia conhecida como Gobsun.

Marcel foi atropelado por um turista bêbado que subiu com um jipe, em velocidade discrepante, na calçada da Rua Weiss, enquanto meu menino manobrava sua moto para voltar ao trabalho e encerrar o expediente, exausto na correria na alta temporada daquele terrível verão de 2006.

Agradei, sem sinceridade, a iniciativa de Poanta, mas fui firme e honesto ao afirmar que as tais frases de pouco efeito em nada surtiram qualquer resquício de sentimento mais profundo que eu pudesse nutrir pelo (quase) artista.

Além disso, por pura questão de química e afinidades, fiz questão de deixar claro que ele não era o meu tipo, e sendo assim, era praticamente impossível que ambos pudéssemos levar um caso adiante.

Poanta levantou-se, jogou os cabelos enebados para trás e rodou no salto gasto. Fez cena sobre cena de uma baixaria premeditada, porém *light*.

Na sua cachola desprovida de neurônios saudáveis, o protótipo inacabado de escritor não se conformava de ter perdido tanto tempo em “criar” palavras rimadas de paixão para alguém que não merecia, ou melhor, não sabia dar a

devida atenção à sua irrefutável prova de amor. Para entornar de vez o caldo quente, Poanta – um bambeezinho de vinte e dois anos, magro além da conta, branco além da conta, cabelos longos, cenourentos e desgrehados além da conta e devorador de nicotina bem além das contas, também não se conformava por eu não apreciar sua... digamos... corporeidade.

A discussão não teria motivos para ser estendida. Então, educadamente, implorando ajuda do Buda Ubaldo Ditoso, implorei mais uma rodada ao velho Nolah.

Munido de paciência beneditina, expliquei para moleque que ele deveria aprender a escrever com o coração, estudar um pouco mais algumas técnicas primárias de redação e evitar ao máximo usurpar expressões “maquitubianas coelhenses” alheias misturadas, é claro, com provérbios sagrados provenientes das milhões de barras de aço fixadas horizontalmente à frente e na traseira dos caminhões.

Expliquei ao aspirante que utilizar da escrita para se expressar, até mesmo como arma para vencer uma possível timidez inicial, é algo muito louvável. Desde que o pretendente ao cargo de zelador de um coração solitário revele sempre um pouco de si mesmo, com sinceridade e autenticidade em cada palavra, frase, parágrafo e expressão.

Outra confusão desfeita que fui obrigado a frisar era sobre a eterna antice que muitos bambees insistem em cultivar, no que se refere ao gosto pessoal de cada um. Ainda há viado nessa vida que acha que só porque encontrou outro companheiro de mundinho, deduz que “gay que é gay transa com qualquer gay”.

Eu afirmei ao rapaz que era deselegante achar que só porque “gostamos de homem” temos que encarar qualquer um que balance o pau na nossa frente ou rebole feito uma batedeira planetária Arno a implorar pelo nosso cacete em riste.

Não busco apenas conteúdo externo. É o interno que fascina minha libido. Um homem tem que me conquistar pela inteligência, saber acariciar minha sensibilidade e só depois aprender a me excitar com a bela circunferência do seu rabo. É muita falta de senso utilizar frases feitas (e na maioria das vezes mal refeitas) – onde há casos escabrosos em que o aspirante a “Poanta” nem sequer lê direito o que acabou de copiar – e tentar assim despertar a atenção de um incauto pretendente a algo mais sério.

Meu relato é um alerta a todos os bambees que insistem em acreditar que sempre estamos disponíveis para qualquer ser que carregue um caralho ou rabo interessante para se realizar algo selvagem desprovido de sentimentos. Eu tenho o meu tipo de cara, você tem o seu e só através de um bom diálogo e um mínimo de reais e palpáveis afinidades dá para sacar de imediato quais são as nossas “preferências” em todos os sentidos.

O Diálogo sempre anda mancomunado com a Química. Pois quando um lado tenta se impor, desrespeitando o outro lado, tudo vira merda.

Eu falei e derramei minhas verdades para um sujeito que se recusava a destampar os ouvidos infectados de utopias.

Procurei indicar um caminho para que ele aproveitasse seu tempo de modo a aprender a ler, escrever, expressar melhor o que sente e o que deseja. Mostrei-lhe que isso vale para tudo na vida e não só para “caçar” o cara ideal com a intenção de se fazer algo ideal no momento ideal.

Choramando, Poanta lambeu a borda do meu copo quase vazio, na patética esperança de descobrir parte dos meus segredos. Fungou sua tristeza em movimentos teatrais. Surrupiou-me um beijo jamais correspondido.

Ele sumiu pelas ruas que cortam o centro da minha ilha tão amada.

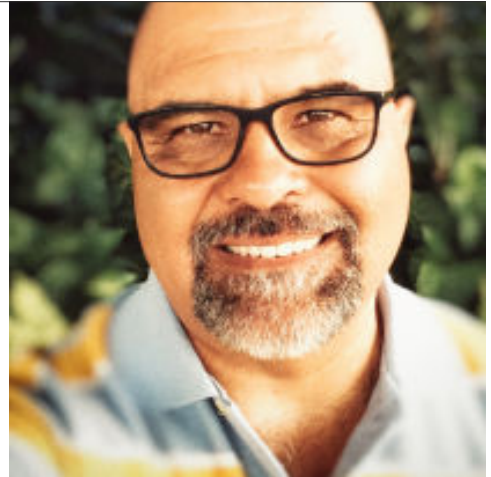
Espero que ele ao menos tenha arquivado no coração minhas palavras de incentivo. Porque só assim ele terá a grande chance de criar POESIA e encantar o verdadeiro “carteiro” dos seus sonhos que pode estar bem ali na esquina, somente guardando um sorriso espontâneo para brindar uma boa e criativa “car(n)tada”!

* * *

Meu nome é Venâncio Aires. Ainda sou o único carteiro em Lovland. Eu adoro meu trabalho. Durante o dia você pode esbarrar comigo perambulando sem descanso e sem horários fixos pelas ruas de areia afofadas que cortam toda ilha, segurando meus sacos pesados, entregando variada correspondência repleta de alegria, obrigações e saudades.

Eu continuo sozinho. Por opção. Ou, talvez por falta de opção?

Quer me conquistar? Acaricie minha sensibilidade, cative minha inteligência. O resto? Eu tenho fé... nos meus tacos!



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
